



## A tragédia da memória absoluta: uma análise conceitual de *Funes*, *O Memorioso*, de Jorge Luis Borges

<sup>1</sup> Bacharel em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e estudante da Licenciatura na mesma instituição. E-mail para contato: carolmorvillolima@gmail.com

Carolina Morvillo Lima<sup>1</sup> 

### INTRODUÇÃO

A memória, enquanto tema literário e conceito filosófico, permeia a obra de Jorge Luis Borges com recorrência, especialmente em “Funes, o memorioso” (Borges, 1997). Neste conto, o autor explora os limites e as dualidades da memória humana, contrapondo as experiências do narrador-personagem às do protagonista, Ireneo Funes, cuja capacidade de lembrar é tanto uma bênção quanto uma maldição. A análise do conceito de memória em Funes permite não apenas desvendar as nuances da narrativa borgiana, mas também conectar essas reflexões aos debates históricos e filosóficos sobre memória e esquecimento.

Publicado originalmente na coletânea *Ficções*, “Funes, o memorioso” apresenta a história de Ireneo Funes, um jovem que, após um acidente, desenvolve uma memória absoluta, sendo capaz de recordar e registrar cada detalhe de tudo o que vivencia. Narrado em primeira pessoa por alguém que conheceu Funes em sua juventude, o conto propõe uma reflexão sobre as implicações de uma memória sem limites, enfatizando o paradoxo entre a acumulação extrema de dados e a incapacidade de abstrair ou generalizar. Borges, com sua habitual maestria, utiliza esse cenário para levantar questões sobre o papel do esquecimento na organização do pensamento e na construção de significados.

Este artigo examina como o conto articula duas visões contrastantes de memória: uma funcional e adaptativa, simbolizada pelo narrador, e outra absoluta e paralisante, representada por Funes. Partindo do enredo, das influências filosóficas de Nietzsche e Ricoeur, e da história do conceito de memória conforme Reinhart Koselleck, busca-se compreender como Borges integra e problematiza os significados acumulados do conceito ao longo do tempo. Além disso, a análise considera o contexto histórico e cultural em que Borges escreveu, incluindo as implicações de sua própria experiência com a cegueira e os debates contemporâneos sobre identidade e memória coletiva. Assim,

propõe-se um diálogo entre literatura, história dos conceitos e filosofia, iluminando o papel central do esquecimento na construção do significado humano.

## CONTEXTO BIOGRÁFICO E INFLUÊNCIAS INTELECTUAIS DE JORGE LUIS BORGES

2 Esta biografia foi elaborada com base nas obras de Beatriz Sarlo (1995), Marlova Gonsales Aseff (2022), Júlio Pimentel Pinto (1998a; 2024) e Tomas Fernández & Elena Tamaro (2004). Para mais detalhes, ver as referências ao final do texto.

3 Seu pai, Jorge Guillermo Borges, era professor e escritor, e sua mãe, Leonor Acevedo, foi um grande apoio ao longo de sua vida, especialmente após a perda de sua visão.

4 Movimento literário de vanguarda espanhol, fundado pelo poeta modernista Rafael Casinos Assens, predominante nos anos de 1918 e 1925.

Jorge Luis Borges<sup>2</sup>, reconhecido como um dos maiores nomes da literatura latino-americana e universal do século XX, nasceu em Buenos Aires, no dia 24 de agosto de 1899, e cresceu no bairro de Palermo, em um ambiente familiar bilíngue e intelectualmente rico<sup>3</sup>. Desde cedo, a vasta biblioteca da família o expôs a autores como Shakespeare e Cervantes, moldando seu fascínio por literatura e filosofia, que viriam a influenciar na sua escrita.

Em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, sua família mudou-se para Genebra, onde ele estudou filosofia e línguas, ampliando sua formação cultural. Após a guerra, passou alguns anos na Espanha, onde se envolveu com o movimento ultraísta<sup>4</sup> e, em 1921, voltou a Buenos Aires, iniciando sua carreira literária a partir da publicação de poemas e ensaios. Seu primeiro livro de poesia, *Fervor de Buenos Aires* (1923), já revelava seu estilo introspectivo e metafísico. Durante a década de 1930, ele começou a explorar a prosa curta, o que marcaria sua produção mais icônica.

Um momento transformador em sua vida ocorreu em 1938, quando um acidente grave e a morte de seu pai coincidiram com o início da cegueira hereditária. Essa limitação, no entanto, não o afastou da literatura; pelo contrário, influenciou sua escrita. Incapaz de ler ou escrever sozinho, Borges ditava seus textos para que outras pessoas escrevessem para ele, o que contribuiu para a clareza e a concisão de seu estilo. Além disso, pedia para que lessem para ele, jamais se distanciando dos livros.

As décadas de 1940 e 1950 foram o auge de sua produção literária, período em que coletâneas como *Ficciones* (1944) e *El Aleph* (1949) estabeleceram sua reputação internacional. A partir de contos como “Funes, o memorioso”, “A biblioteca de Babel” e “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, passou a explorar temas complexos como o infinito, a memória e os limites do conhecimento humano, questões em debate no momento — alguns deles sob influência do contexto da Segunda Guerra Mundial.<sup>5</sup> Em 1955, Borges foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional da Argentina, um cargo simbólico, já que sua cegueira total coincidia com sua posse. Ele encarou essa condição com serenidade, afirmando que o aproximava ainda mais da imaginação e do mundo dos livros (Fernández; Tamaro, 2004).

Nos últimos anos de sua vida, Borges viveu na Europa, ao lado de Maria Kodama, sua última companheira. Faleceu em 14 de junho de 1986, em Genebra, cidade que marcara sua juventude e onde escolheu ser enterrado.

5 O contexto de escrita de “Funes, o memorioso”, será melhor explicado mais adiante.

Borges obteve grande reconhecimento internacional, recebendo honrarias como o Prêmio Formentor e inspirando escritores como Gabriel García Márquez, Italo Calvino e Umberto Eco (Fernández; Tamaro, 2004). O autor argentino ultrapassou fronteiras culturais ao unir as tradições argentinas à erudição europeia e ao desafiar as convenções narrativas, convidando o leitor a refletir sobre temas universais, como o tempo e a memória. Contos como “Funes, o memorioso” ilustram sua genialidade ao explorar a dualidade da memória — um dom e uma maldição — enquanto refletem as influências filosóficas de pensadores como Nietzsche.

### **SÍNTESE NARRATIVA DE *FUNES, O MEMORIOSO***

O conto “Funes, o memorioso”, de Jorge Luis Borges, é narrado por um narrador-personagem que relembra sua juventude e seu contato com o protagonista, Ireneo Funes, um jovem que desenvolve uma capacidade extraordinária de memória após um acidente.

Ele começa contando que conheceu Funes, brevemente, em Fray Bentos, uma pequena cidade no Uruguai, durante uma de suas visitas à estância de seu primo, Bernardo Haedo, no ano de 1884. Ele descreve o jovem uruguaio como um rapaz do campo, solitário e taciturno, conhecido por sua habilidade de perceber o tempo e prever a hora com precisão, apenas observando a posição do sol e das sombras.

Anos depois, o narrador retorna ao local e descobre que Funes sofreu um acidente, caindo do cavalo e batendo a cabeça, o que o deixou paralisado. Apesar disso, desenvolveu, também, como consequência, uma memória sobre-humana: tornou-se capaz de lembrar-se de absolutamente tudo e com todos os detalhes, desde odores a texturas, podendo reviver cada momento de sua vida com total clareza, além de perceber nuances em fenômenos cotidianos, como o movimento de uma nuvem ou as formas exatas de uma árvore ao longo do dia. O narrador relata que estava estudando latim, arduamente, no período em que estava na cidade, tendo levado consigo algumas obras, das quais, certo dia, Funes solicitou o empréstimo, juntamente com um dicionário, pois desconhecia a língua. O narrador, desconfiado, entrega-lhe o *Naturalis Historia*, de Plínio, juntamente com a gramática latina de Quicherat, os quais foram inteiramente e rapidamente memorizados pelo protagonista.

Diante desse evento, o narrador percebe que, embora a habilidade de Funes fosse extraordinária, ela se revelou, também, uma limitação: sua memória total o impedia de abstrair, generalizar ou organizar o conhecimento. Funes não conseguia conceber ideias universais, pois cada objeto, som ou evento era registrado com um detalhamento único e irrepetível. Isso tornou impossível o

uso eficiente da linguagem ou a construção de significados gerais, como o da palavra “cachorro”, que, para ele, não poderia representar, simultaneamente, todos os cães existentes no mundo. Nesse contexto, o narrador descreve como Irineu abandona os números convencionais por considerá-los uma simplificação grosseira da realidade, na tentativa de criar um sistema numérico baseado em associações individuais, mas acaba se perdendo na complexidade infinita desse empreendimento.

No final, Funes é retratado como uma figura trágica, prisioneira de sua própria mente, elucidando um cenário de desespero. Sua memória perfeita se torna um fardo, uma vez que o isola da sociedade e impede que ele se relacione com o mundo de maneira prática ou significativa. A história termina com o narrador mencionando que, mais tarde, soube que Funes morreu, em 1889, de uma congestão pulmonar.

### **A ANÁLISE DO CONCEITO DE MEMÓRIA**

O interesse da humanidade pela memória é recorrente e longínquo, o que fez com ela se tornasse um objeto de estudo de diversas disciplinas — entre elas a História, a Filosofia, a Psicologia, as neurociências, a Antropologia, as Artes, a Literatura — a partir de uma justificativa de sua relevância na construção da identidade individual e o sentimento de uma coletividade, de uma consciência histórica (Scalia; Fontana, 2023, p. 2). O conceito de memória perpassa essa longa duração e encontra sua origem na Antiguidade, mais especificamente entre os gregos, que tinham a deusa da lembrança e da criação, *Mnemosine*, como figura de adoração; e seguiu acumulando significados, partindo para a Idade Média, em que, com a *Ars memorie*, tornou-se uma técnica de memorização.

Em ambos os casos, a capacidade de memorização era vista como algo virtuoso, positivo e desejado, sendo apenas a partir da Modernidade — período caracterizado por mudanças estruturais na sociedade, incluindo o avanço da ciência, a valorização da razão e a transformação da percepção do tempo e da história — que a memória passou a ser problematizada. Impulsionadas pela Revolução Industrial, essas transformações passaram a ocorrer em ritmo muito mais acelerado, fragmentando a experiência e tornando o passado cada vez mais difícil de ser apreendido de forma linear (Koselleck, 2006). Paralelamente, a historiografia moderna se consolidou como um campo científico, separando-se da memória, que passou a ser vista como subjetiva e falível (Nora, 1993). Esse contexto influenciou diretamente os estudos sobre a memória, que deixou de ser considerada um registro fixo do passado e passou a ser compreendida como um processo individual, identitário, dinâmico e suscetível a distorções (Freud, 1987). Em resumo, segundo Júlio Pimentel Pinto, professor doutor e

livre-docente da Universidade de São Paulo (USP) e um dos principais especialistas em Jorge Luis Borges, a relação história-memória na modernidade ocorre da seguinte maneira:

Se a aceleração da história partiu a história-memória, a memória subjetivada emerge como resposta possível frente à ameaça de dissipação do passado. Não é mais a história — problematização, crítica —, mas a memória que (re)conecta o homem contemporâneo, presa do quadro rarefato da modernidade, ao passado enquanto fonte de identidade, estatuto de origem (Pinto, 1998).

Dessa forma, a modernidade não apenas redefiniu a História como um campo autônomo de estudo, mas também transformou a maneira como os indivíduos e as sociedades lidam com suas memórias. Ademais, lembrar em excesso passou a ser visto como um fator prejudicial para a experiência humana, fazendo com que a importância do esquecimento ganhasse espaço nos debates, especialmente com o impacto das guerras mundiais e o desenvolvimento das noções de trauma.

No que diz respeito ao âmbito literário, este não apenas utiliza conceitos filosóficos e históricos, como o de memória, a partir de ideias já estabelecidas, mas também os transforma e problematiza, gerando novos significados dentro de um universo simbólico específico (Bakhtin, 1981). Nesse caso, um conceito como *memória*, ao ser explorado na literatura — o que ocorre com frequência e através de diferentes temáticas, muitas vezes relacionadas ao medo que o ser humano tem do esquecimento —, além de representar um fenômeno humano, torna-se um elemento estruturante da narrativa e de sua construção simbólica — como será observado adiante.

Especificamente nas obras de Jorge Luis Borges, a recorrência e a centralidade com que a memória é tratada atestam sua relevância, o que pode ser constatado, ainda, pelo lugar concedido ao termo na obra de Júlio Pimentel Pinto *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges* (Pinto, 1998b) — que examina, entre outros elementos, o contexto de criação das obras do escritor argentino, o papel da ficção na reconstrução de narrativas históricas e o tema da memória dentro da literatura de Borges, associando-o à história — e no livro de Jorge Schwartz *Borges Babilônico: uma enciclopédia* (Schwartz, 2017). Esta última, estruturada a partir de um conjunto de verbetes que formam uma enciclopédia, organiza e explora as referências literárias, históricas, culturais e filosóficas presentes na escrita de Jorge Luis Borges, destacando como determinados temas se repetem e assumem diferentes formas ao longo de sua escrita e funcionando como um guia interpretativo de seu universo.

No verbete *memória* (Schwartz, 2017, p. 670), demonstra-se que, para o autor, ela não é apenas um meio de recordar o passado, mas um elemento que pode definir ou dissolver a identidade, o que é exemplificado pela menção

de contos como “Memória de Shakespeare”. Neste, segundo o verbete, Borges explora a ideia da memória alheia como um fator de apagamento da subjetividade: o protagonista recebe as lembranças de Shakespeare e, aos poucos, suas próprias memórias se tornam indistintas, ameaçando sua individualidade. Esse tema ressoa em outras narrativas borgianas, como “Funes, o memorioso”, onde — como nota-se pelo enredo e será explicado mais adiante — a incapacidade de esquecer faz com que a personagem se perca em um excesso de detalhes, tornando impossível qualquer forma de pensamento abstrato. O verbete também menciona a manipulação da memória como ferramenta de controle social, observada em “A loteria na Babilônia”, e relaciona a abordagem borgiana à literatura contemporânea, apontando como sua obra discute sobre a perda da memória pessoal e a imposição de lembranças artificiais. Dessa forma, demonstra-se como Borges não apenas transforma a memória em um eixo fundamental de sua literatura, mas também a explora a partir de questões políticas e filosóficas sobre identidade, manipulação e esquecimento.

A partir disso, a análise do conceito em “Funes, o memorioso” permite aprofundar a compreensão do papel da memória na obra do autor argentino, revelando alguns significados específicos. Estes podem ser relacionados aos construídos ao longo da história, o que será observado a partir do destrinchar do enredo e, posteriormente, deste em relação ao seu contexto de produção e à história do conceito de memória mencionada acima.

Dessa forma, a análise no conto pode ser estruturada a partir de um conjunto de dualidades que permeiam toda a narrativa — esquecimento benéfico e memória total; subjetividade e objetividade; generalização e especificação; abstração e concretude; maldição e dádiva, entre outras — e que integram uma oposição mais ampla, entre o narrador e a protagonista, mais especificamente, e entre a memória de cada um deles — que são os dois significados conceituais centrais na obra de Borges.

Primeiramente, faz-se necessário entender a respeito do narrador-personagem a partir dos elementos de sua narração, bem como seu ponto de vista a respeito dos acontecimentos os quais narra e de Funes, uma vez que ele consiste em uma alegoria do conceito que contrapõe a do protagonista.

Dando início a análise a partir do mesmo ponto que Borges optou por começar a escrever, a primeira frase do texto diz: “Recordo-o (não tenho direito de pronunciar esse verbo sagrado, somente um homem na Terra teve direito e esse homem morreu)” (Borges, 1997, p. 109). Pode-se observar, aqui, e ao longo de todo o enredo, que o personagem, ao narrar, faz o uso constante de termos que, além de “memória” em si, remetem e, na maioria dos casos, são utilizados como sinônimo do conceito de memória — “recordação”, “testemunho”, “relato”, “lembrança”, “esquecer”, “relembrar” — e, principalmente, do

verbo “recordar” em primeira pessoa — enfatizado, algumas vezes, pelo o uso do verbo crer, como “recordo (creio)” (Borges, 1997, p. 109). Essas palavras não só são imprescindíveis no sentido de que estão diretamente atreladas ao conceito principal, revelando a temática predominante da obra, como pelo fato de representarem uma necessidade constante de reforço de que tudo o que ele está falando não condiz com mais do que algo que ele se lembra, ou seja, difere-se da realidade em si, demonstrando que ele reconhece essa distinção e a limitação de sua memória, bem como seu caráter subjetivo e abstrato. Mais do que isso, é um traço de diferenciação em relação à figura de Funes, da qual as memórias condizem, necessariamente, com aquilo que ele vivenciou. Outras passagens do texto demonstram esse receio e cuidado, em que o narrador reitera o apoio de seus escritos em testemunhos lembrados:

Chego, agora, ao ponto mais difícil de minha narrativa. Esta (bom é que já o saiba o leitor) não tem outro argumento que esse diálogo de há meio século. Não tratarei de reproduzir suas palavras, no momento irrecuperáveis. Prefiro resumir com veracidade as muitas coisas que me falou Irineu. O estilo indireto é distante e fraco; sei que sacrifico a eficácia desse relato; que meus leitores imaginem os entrecortados instantes que aquela noite me oprimiram (Borges, 1997, p. 113).

Ainda sobre isso, é interessante mencionar a oposição entre o fato de o narrador não lembrar exatamente o mês em que esteve no povoado uruguaio pela primeira vez e conheceu, vagamente, Funes, em que diz “Minha primeira lembrança de Funes é muito perspicua. Vejo-o num entardecer de março ou fevereiro do ano oitenta e quatro” (Borges, 1997, p. 110) e a descrição exata da protagonista na carta que este escreveu, recordando do mesmo episódio de maneira exata: “recordava nosso encontro, infelizmente fugaz, ‘do dia sete de fevereiro do ano de oitenta e quatro’” (Borges, 1997, p. 111).

Outra questão que diz respeito a descrição do narrador, a qual revela diferenças em relação a Funes e ao significado de memória, é a dificuldade exposta quando ele menciona que está aprendendo latim de maneira árdua, valorizando-se por isso: “Não sem alguma vanglória eu iniciara naquele tempo o estudo metódico de latim” (Borges, 1997, p. 111). Mais especificamente, quando trata da sua leitura de *Naturalis Historia*, ele diz que “excedia (e continua excedendo) minhas módicas virtudes de latinista” (Borges, 1997, p. 111). Isso, juntamente com a desconfiança e ironia demonstradas quando Funes pede o livro e só um dicionário para acompanhar, revelam, mais uma vez, o significado do conceito como algo que inclui uma limitação:

Não soube se atribuir a descaramento, a ignorância ou a estupidez a idéia de que o árduo latim não requeria mais instrumento que um dicionário; para desenganá-lo completamente mandei-lhe o *Gradus ad Parnassum de Quicherat* e a obra de Plínio (Borges, 1997, p. 112).

Da mesma forma, a posterior quebra de expectativa e perplexidade do narrador ao constatar a facilidade com que o jovem memoriza a língua e recita a obra de Plínio — em contraposição ao seu desafio pessoal — reforçam esse sentido:

Ouvi logo a alta e zombeteira voz de Irineu. Essa voz falava em latim; essa voz (que vinha da treva) articulava com moroso deleite, um discurso ou prece ou encantação. Ressoaram as sílabas romanas no pátio de terra; meu temor as acreditava indecifráveis, intermináveis; depois, no demorado diálogo daquela noite, soube que formavam o primeiro parágrafo do vigésimo quarto capítulo do livro sétimo da *Naturalis Historia* (Borges, 1997, p. 112-113).

Seguindo para um aspecto chave da descrição do narrador, que diz respeito a si, mas também a Funes, está a visão dele em relação ao protagonista e sua memória. Ele revela, desde o primeiro encontro dos dois, que Ireneu era, mesmo antes do acidente caracterizado como uma pessoa excêntrica e, por alguns, impressionados com sua habilidade de prever a hora, um “precursor dos super-homens” (Borges, 1997, p. 109), sendo apelidado pelo narrador de “cronométrico Funes”. Após ter ficado paralítico, este, como já mencionado, desenvolveu a capacidade sobre-humana de se lembrar de absolutamente tudo, adquirindo uma memória total: “Com efeito, Funes não recordava somente cada folha de cada árvore de cada monte, como também cada uma das vezes que a tinha percebido ou imaginado” (Borges, 1997, p. 115).

Nós, de uma olhadela, percebemos três copos em cima de uma mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos Funes que comporta uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma que um remo sulcou no rio Negro na véspera da batalha do Quebracho (Borges, 1997, p. 114).

É, justamente, a percepção de ambas as personagens a respeito desse fato — para Funes, uma dádiva, para o narrador, uma maldição — que tornam mais claros os significados de memória em Borges.

Nesse sentido, na noite em que o narrador vai visitar Funes, agora memorioso — fazendo, aqui, referência a sua capacidade de se lembrar de absolutamente tudo, desenvolvida após o acidente —, este, ao demonstrar sua condição, diz que ter ficado paralítico foi um preço mínimo a pagar, já que “Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis” (Borges, 1997, p. 114), mencionando que até então não havia contemplado a vida verdadeiramente: “Disse-me que, antes daquela noite em que o azulego o derrubou, fora como todos os cristãos: um cego, um surdo, um abobado, um desmemoriado” (Borges, 1997, p. 114). Isso tudo, juntamente com o fato de enumerar em latim todos os

6 Estas referem-se a casos de personagens da história conhecidos por suas capacidades extraordinárias relacionadas a memória: “Ciro, rei dos persas, que sabia chamar pelo nome todos os soldados de seus exércitos; Mitridates Eupator, que administrava a justiça nos 22 idiomas de seu império; Simônides, inventor da mnemotécnica; Metrodoro, que professava a arte de repetir com fidelidade o escutado uma só vez” (Borges, 1997, p. 113).

casos de “memória prodigiosa” (Borges, 1997, p. 113) que encontrou em *Naturalis Historia* e maravilhar-se com estes demonstram como ele via sua habilidade como extremamente positiva, como um dom, uma dádiva — no sentido grego do termo. Ele parece só se dar conta de parte de seu problema quando percebe que não consegue mais dormir e ao dizer “*minha memória, senhor, é como um despejamento de lixos*” (Borges, 1997, p. 114). Essa constatação aparece, também, quando Funes decide criar um sistema para organizar suas lembranças e percebe que será impossível devido o volume infinito:

Resolveu reduzir cada uma de suas jornadas passadas a umas setenta mil lembranças, que definiria logo por cifras. Dissuadiram-no duas considerações: a consciência de que a tarefa era interminável, a consciência de que era vã. Pensou que na hora da morte ainda não estaria concluído o encargo de classificar todas as recordações da infância (Borges, 1997, p. 115).

Em contraposição, o narrador vê a condição de memorioso como uma maldição desde o início, definindo-a como uma perturbação que enlouquece e que impede de viver plenamente, de pensar de forma prática e eficiente, de abstrair e de construir significados gerais — exemplificado na tentativa de criação de um sistema numérico distinto, em que cada palavra tinha uma senha particular. Isso tudo pode ser observado, nitidamente, a partir de inúmeras passagens do texto:

Este, não o esqueça-mos, era quase incapaz de idéias gerais, platonianas. Não lhe custava compreender somente que o símbolo genérico cão abrangesse tantos indivíduos dispares de diversos tamanhos e diversa forma; aborrecia-o que o cão das três e quatorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quatro (visto de frente). [...] Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos (Borges, 1997, p. 116-117).

Ele também atribui a Funes um sentimento de pena diante de tamanho desespero de sua condição, e pena de que em sua memória perpetuem os mínimos detalhes de absolutamente tudo o que vivencia a partir dos seus cinco sentidos.

ninguém, em suas torres populosas ou em suas avenidas urgentes, sentiu o calor e a pressão de uma realidade tão infatigável como a que dia e noite convergiam sobre o infeliz. Irineu em seu pobre arabalde sul-americano. Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo (Borges, 1997, p. 116).

Lamenta, inclusive, que tantas coisas inúteis, como suas próprias palavras, permanecerão gravadas para todo sempre na mente do protagonista, que não possui qualquer capacidade de filtragem, temendo por este: “Pensei que cada uma de minhas palavras (que cada um de meus gestos) perduraria em sua

implacável memória; paralisou-me o temor de multiplicar ademanes inúteis. (Borges, 1997, p. 117).

Diante de tudo isso, é interessante acrescentar a ironia da frase que Funes recita quando o narrador chega a sua casa, correspondente ao vigésimo quarto capítulo de *Naturalis Historia*, que trata exatamente sobre memória: *ut nihil non isdem verbis redde redderetur auditum* (Borges, 1997, p. 113): “De forma que nada que foi ouvido pode ser dito outra vez com mesmas palavras” (tradução nossa). Ela traz um significado de memória que é oposto ao da personagem que o discursa.

Portanto, a memória de Funes representa o conceito de memória como totalidade; a visão dele sobre si da memória como dádiva; e a do narrador em relação a isso tudo — e que coincide com o significado do que Borges pensa sobre isso — o conceito de memória como algo que depende do esquecimento, já que a memória total é extremamente prejudicial.

Considerando todos os aspectos analisados internamente à fonte, cabe aqui, para fins de aprofundamento da explicação, trazer aspectos externos, mobilizando a visão de uma História dos Conceitos de Koselleck (2006; 2014) — já que aqui estamos analisando um conceito — que consiste na interdependência de fatores linguísticos e extralinguísticos para o entendimento e construção de seus significados. Para tanto, é essencial apoiar-se em Nietzsche, figura que influenciou fortemente Borges, não apenas na escrita desse texto — o que pode ser observado não apenas pela temática como pela menção explícita de “Zaratustra” (Borges, 1997, p. 109), remetendo à obra do filósofo (Nietzsche, 2022), bem como a existência de “Nietzsche” na enciclopédia *Borges babilônico: uma enciclopédia* (Schwartz, 2017) — como em diversas outras obras.

Como ponto de partida, Nietzsche, em *De la utilidad y de los inconvenientes de los estudios históricos para la vida* (Nietzsche, 1967), critica a memória excessiva e desvinculada da vida prática, representando-a como um fardo que paralisa o indivíduo e impede sua transformação. Essa crítica encontra um paralelo direto em Funes e no conceito de memória de Borges, cuja memória absoluta o torna incapaz de abstrair ou generalizar. Preso a detalhes irrelevantes, o memorioso vive em um estado de paralisia intelectual e emocional, ilustrando os perigos do excesso de memória que Nietzsche denuncia.

Para Nietzsche, essa fixação no passado impede, também, a felicidade, pois a felicidade requer a capacidade de esquecer e viver o momento presente de forma desprendida da história, como fazem os “sujeitos a-históricos”. Segundo ele, “quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados [...] nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne outros felizes” (Nietzsche, 1983, p. 58). Assim, Funes torna-se o retrato perfeito do homem

histórico de Nietzsche: perdido em uma avalanche de percepções imediatamente transformadas em memórias indestrutíveis, incapaz de viver plenamente.

No mesmo sentido, segundo o psicopedagogo André Hedlund, mestre em Psicologia da Educação pela Universidade de Bristol, o excesso de informações pode levar à sobrecarga cognitiva, dificultando o aprendizado e a organização do conhecimento (Hedlund, 2024), o que também é compartilhado pelo renomado filósofo contemporâneo francês Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (Ricoeur, 2007), ao tratar da importância do esquecimento. É fundamental salientar que o esquecimento benéfico aqui tratado não corresponde ao que Paul Ricoeur chama de “esquecimento destrutivo”, o qual consiste em uma amnésia prejudicial ou em uma patologia. Fala-se aqui do “esquecimento fundador” (Ricoeur, 2007, p. 451), que não pode ser considerado uma lacuna, uma disfunção ou um inimigo da confiabilidade da memória. Ambos os especialistas enfatizam a importância do esquecimento como um mecanismo natural de filtragem, essencial para a saúde mental e cognitiva ou, mais precisamente, nas palavras do filósofo francês, “O esquecimento é o guarda-costas da memória. Sem o poder de esquecimento, a memória seria sobrecarregada e inoperante” (Ricoeur, 2007, p. 412). Tendo em vista a situação de Funes — e, de novo, lembrando que a personagem carrega consigo os significados do conceito de memória para Borges — essa sobrecarga de informações, como observado, não só dificultou como impossibilitou seu aprendizado, já que o cérebro humano necessita de esquecer detalhes irrelevantes para focar no que é significativo.

Partindo para a dualidade entre subjetividade da memória *versus* a objetividade da memória de Funes, pode-se afirmar que as memórias são subjetivas justamente pela impossibilidade de revisitá-las. Sobre isso, Ricoeur escreve que a vulnerabilidade fundamental da memória é “resultante da relação de sua ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação, comprovando a natureza subjetiva da memória” (Ricoeur, 2007, p. 72). A tentativa de transformar memórias pessoais em um arquivo histórico exato desconsidera a natureza interpretativa da experiência humana — integrante da subjetividade da memória — que, inclusive, é impedida pela impossibilidade de organização do pensamento por Funes. Nesse caso, a possibilidade de repetição de suas memórias exatamente como foram aproxima-se ao que Ricoeur chama de “compulsão de repetição” (Ricoeur, 2007, p. 84), que impede a consciencialização dos acontecimentos, o reconhecimento da obsessão como um problema e levando à melancolia. E, segundo o filósofo, “Depressão e ansiedade tornam-se os sintomas marcantes da melancolia. [...] Melancolia torna-se sinônimo de insanidade, de loucura” (Ricoeur, 2007, p. 88). É o que acontece com o protagonista, que se torna completamente insano.

A ausência de subjetividade em Funes manifesta-se, ainda, em outra dimensão essencial: a imaginação. Ao contrário de uma gravação mecânica, a memória humana é também um exercício de reconstrução sensível. Não por acaso, Mnemosine — já mencionada como deusa da lembrança na mitologia grega — é mãe das Musas, entre elas Clío, da História, mas também outras ligadas à poesia, à arte e à invenção (Hesíodo, 1999), parentesco simbólico que revela que recordar implica, justamente, em fabular, inventar e transformar a experiência vivida. Em outras palavras, como observa Aleida Assmann, parafraseando T. S. Eliot: “não há memória que você possa embalsamar em cânfora, pois as mariposas vão entrar” (Assmann, 2011, p. 21). Em Funes e sua memória excessivamente objetiva, essas mariposas — metáfora do sensível, do instável, do transitório — não têm lugar. Sua mente se converte em um depósito sem filtro, aprisionado em um presente fragmentado, onde não há nem esquecimento nem imaginação — e, por isso mesmo, nenhuma subjetividade.

Além do que foi exposto, é necessário trazer o caráter alegórico do conceito de memória total de Funes, a partir de sua impossibilidade no ser humano, ideia que encontra suporte na neurociência. Segundo José Maria Ruiz Vargas (Vargas, 2008), o que a memória humana guarda nunca é todo o acontecido, e sim apenas o que é significativo para o indivíduo, resultados de análises perceptivas e estão diretamente ligadas às emoções. Ainda, segundo Iván Izquierdo (Izquierdo, 2002), os indivíduos voluntariamente, ou, na maioria das vezes, espontaneamente, reprimem lembranças desagradáveis, o que funciona como uma espécie de mecanismo de proteção. Esquecimento, o benéfico, é essencial para manter o curso normal dos conhecimentos, sendo a memória exacerbada prejudicial.

Imaginem se guardássemos todos os detalhes de cada velório de um ser querido: desde o rosto cambiante do morto até o pranto peculiar de cada indivíduo ali presente ou de um episódio muito humilhante ou de uma guerra. Viveríamos condenados a permanecer para sempre em um quadro gravíssimo e intratável de depressão (Izquierdo, 2002, p. 61).

Funes é completamente incapaz desse processo de repressão — ou esquecimento benéfico segundo Ricoeur —, fazendo com que coisas pequenas e insignificantes permaneçam na memória, nos mais minuciosos detalhes. Sua memória torna-se uma “cacofonia de informação” (Scalia; Fontana, 2023, p. 5).

A partir da análise fornecida acima, torna-se claro como a vida de Borges impactou em suas escolhas temáticas e até estilísticas. Como dito, ele foi criado em um ambiente bilíngue e literário, com acesso a uma vasta gama de leituras que influenciaram sua visão de mundo e, conseqüentemente, sua escrita. Isso, juntamente com a sua progressiva perda de visão, se tornou uma metáfora pessoal para o paradoxo entre conhecimento acumulado e sua capa-

cidade de processamento, experiência essa que transparece na investigação da limitação humana da memória, abordada no conto.

O contexto histórico de produção da obra, escrita durante a Segunda Guerra Mundial, influenciou diretamente na temática e no significado de memória construído por Borges, uma vez que debates sobre memória coletiva, história e identidade estavam em alta, especialmente em relação à preservação de registros históricos e à construção de narrativas nacionais. Essa obra de Borges, embora não diretamente política, reflete esse interesse cultural mais amplo, já que Funes, com sua incapacidade de esquecer, pode ser visto como uma figura que carrega o fardo de lembrar tudo, em um momento histórico de escrita em que esquecer era, para muitos, uma necessidade de sobrevivência. Torna-se possível refletir, também, a respeito de como o esquecimento é essencial para a superação de traumas coletivos, ou seja, que envolvem a memória coletiva:

Não existe nenhuma comunidade histórica que não tenha nascido de uma relação que se possa comparar sem hesitação à guerra. Aquilo que celebramos como acontecimentos fundadores são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um estado de direito precário. A glória de uns foi humilhação para outros. À celebração, de um lado, corresponde à execração, do outro. Assim se armazenam, nos arquivos da memória coletiva, feridas simbólicas que pedem uma cura (Ricoeur, 2007, p. 92).

Na historiografia, a representação de eventos traumáticos, como guerras, genocídios e catástrofes, levanta questões sobre a ética da lembrança e o impacto do trauma na memória coletiva. Permitir reviver esses eventos não só intensificaria a dor e impediria a superação no âmbito coletivo das comunidades, como, provavelmente, alimentaria, ainda mais, um sentimento de vingança. Repetindo a fala do filósofo, feridas simbólicas também exigem cura.

Além disso, o período de produção de Borges coincidiu com a ascensão das ciências cognitivas e da psicanálise, campos que revolucionaram a compreensão da mente humana. Freud, por exemplo, destacou o papel do esquecimento como um mecanismo essencial para a saúde mental, argumentando que o excesso de lembranças ou a incapacidade de esquecer poderia levar a neuroses (Ricoeur, 2007). Essa visão reverbera em “Funes, o memorioso”, como observado, em que a incapacidade de Funes de esquecer transforma sua memória, inicialmente vista como uma dádiva, em uma maldição.

O conto de Borges também pode ser lido como uma crítica à modernidade técnica e ao crescente acúmulo de informações característico do século XX. Com o desenvolvimento de bibliotecas, arquivos e, posteriormente, computadores, a sociedade começou a se preocupar com a retenção e a catalogação de informações em larga escala. Funes, com sua memória ilimitada, pode ser interpretado como uma alegoria desse fenômeno, uma vez que ele armazena tudo,

mas carece de organização ou capacidade de análise. Nesse sentido, Borges reflete sobre questões cada vez mais frequentes nos debates contemporâneos sobre o excesso de informações que, em vez de ampliar o conhecimento, o torna fragmentado e sobrecarregado. Isso fica nítido na comparação de dois trechos, o de Funes, já mencionado aqui, que diz que “*minha memória, senhor, é como um despejamento de lixo*”, e um do escritor contemporâneo Byung-Chul Han, em que ambos descrevem a memória como um amontoado de lixo:

A memória de hoje se caracteriza por um amontoado de lixo e de dados em lojas de ‘sucata’ ou ‘armazéns’, entulhados de massas e de uma variedade de imagens possíveis e imagináveis, totalmente desorganizados, mal conservados, cheios de símbolos desgastados. Nessas lojas de sucata as coisas simplesmente estão ao lado de outras, sem qualquer organização. Por isso, falta-lhes história, não podendo recordar de si mesmas nem de se esquecer (Han, 2017, p. 76).

### FUNES E A HISTÓRIA DO CONCEITO DE MEMÓRIA

Reinhart Koselleck, um dos principais teóricos da História dos Conceitos, argumenta que os conceitos carregam em si camadas de significados acumulados ao longo do tempo, funcionando como pontos de encontro entre linguagem e experiência histórica. Segundo ele, um conceito não é apenas uma palavra, mas um receptáculo de experiências coletivas, que reflete tanto as mudanças sociais quanto os debates intelectuais de uma época (Koselleck, 2006). Embora “memória” não figure entre os núcleos conceituais centrais tratados por Koselleck em seus principais estudos de História dos Conceitos, voltados, sobretudo, a termos que sofreram transformações durante a *Sattelzeit* (1750–1850) — período de transição entre o Antigo Regime e a Modernidade —, como “história”, “revolução” e “progresso”, é possível analisá-la à luz de seus pressupostos metodológicos. Essa interpretação encontra respaldo, por exemplo, no ensaio *Eclusas da memória e estratos da experiência* (Koselleck, 2014, p. 247–263), em que o autor discute o ato de lembrar como um fenômeno marcado por dimensões temporais, subjetivas e políticas. Neste trabalho, portanto, a abordagem koselleckiana é mobilizada de forma ampliada, com o objetivo de examinar a memória como um conceito em disputa, cujos sentidos históricos e filosóficos se entrelaçam de maneira especialmente complexa na narrativa protagonizada por Funes.

No caso aqui proposto, Koselleck estimula a pensar na sua evolução semântica, desde sua origem em sociedades antigas, onde ela estava associada ao sagrado e ao divino, até os tempos modernos, em que se tornou um campo de estudo interdisciplinar — psicológico, sociológico, filosófico e histórico. Borges,

com sua formação erudita e sua capacidade de transitar entre campos do saber, mobiliza essas múltiplas dimensões da memória no conto aqui analisado.

Através da dualidade entre Funes e o narrador, Borges dramatiza duas configurações históricas principais do conceito de memória, como analisado. Funes, com sua habilidade de lembrar tudo, remete a um ideal de memória divina ou absoluta, que é encontrada nas tradições religiosas e filosóficas. Já o narrador, com sua memória falível e limitada, reflete uma concepção moderna e funcional, em que lembrar e esquecer são partes complementares de um processo interpretativo e adaptativo. Funes, nesse sentido, também pode ser visto como uma oposição da memória saudável do narrador. Essa contraposição sugere uma leitura koselleckiana do conto: Borges explora a tensão entre duas camadas temporais do conceito de memória, destacando como elas coexistem e entram em conflito na modernidade. A memória, enquanto conceito histórico, apresenta uma evolução — reiterando, aqui, o caráter cumulativo e não qualitativo desta — que pode ser lida sob três dimensões principais.

A primeira delas, em que reside a origem do conceito, é a dimensão da memória como um atributo divino e moral, predominante nas sociedades antigas. A mitologia grega, mais especificamente, personificava a memória em Mnemosine, a deusa da lembrança, vinculando-a à criação e ao conhecimento transcendente. Essa visão reflete uma concepção de memória como algo perfeito, absoluto e além das capacidades humanas, aproximando-se da memória sobre-humana de Funes. Entretanto, Borges, como visto, transforma-o em uma alegoria crítica, uma vez que, longe de ser uma dádiva, a memória perfeita é retratada como uma maldição que desumaniza e impede de viver.

Durante a Idade Média, a memória foi transformada em técnica, a qual foi denominada *ars memoriae*. Ela é descrita por Frances Yates, em *The Art of Memory*, como um mecanismo que organizava o saber por meio de sistemas mnemônicos que permitiam aos indivíduos lembrarem e recuperar informações de forma prática e ordenada (Yates, 1966), que, para ter funcionalidade, dependia de métodos visuais e simbólicos para criar significados, além de possibilidades de generalizações. Funes pode ser visto como uma figura que desafia essa tradição, uma vez que, enquanto o *ars memoriae* buscava estruturar e priorizar o conhecimento, Funes registra tudo sem hierarquias ou abstrações, tornando-se incapaz de usar sua memória de forma útil ou significativa.

Com o Iluminismo e, mais tarde, a psicanálise e as ciências cognitivas, a memória passa a ser tratada como um fenômeno biológico, individual e subjetivo, sujeito a falhas e distorções (Leonardelli, 2008). Nesse contexto, o esquecimento deixa de ser visto como uma falha moral ou divina e se torna parte essencial do funcionamento saudável da mente humana. Como visto na análise do conceito na fonte a partir de Ricoeur e Nietzsche, o narrador de Funes incor-

pora essa visão moderna: sua memória limitada o impede de lembrar de tudo, mas também permite que ele organize e atribua significado às suas experiências. Borges sugere que a memória humana, com todas as suas falhas, capacita viver plenamente, logo a incapacidade de esquecer, exemplificada por Funes, destrói sua humanidade, aprisionando-o em um passado hiper fragmentado e desprovido de sentido.

Cabe aqui mencionar, que no século XX, a memória também adquiriu uma dimensão política e cultural, em que a crescente valorização de arquivos e registros históricos, bem como o medo do esquecimento em contextos de violência e guerra, transformou a memória em um campo de disputa ideológica. Borges, ao escrever em um momento marcado por debates sobre memória coletiva e identidade, questiona os limites dessa valorização extrema do lembrar, questão já aprofundada anteriormente.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise conceitual de “Funes, o memorioso” evidencia as múltiplas facetas atribuídas por Jorge Luis Borges ao conceito de memória. Nesse sentido, a narrativa constrói um forte contraste entre a memória absoluta e a memória funcional, simbolizadas, respectivamente, por Funes e pelo narrador. Enquanto Funes, incapaz de esquecer, se torna prisioneiro de uma infinidade de detalhes, o narrador representa a memória seletiva, que permite abstrair, interpretar e atribuir significado às experiências.

Essa dualidade não apenas reflete debates filosóficos e históricos sobre memória e esquecimento, mas também ilustra os perigos de uma visão extremada do conceito. Nietzsche e Ricoeur contribuem para a compreensão dessa problemática, destacando a importância do esquecimento como um mecanismo essencial para a saúde mental e para o aprendizado. Da mesma forma, a perspectiva koselleckiana revela como a memória, enquanto conceito histórico, carrega em si as marcas de diferentes contextos, mobilizando significados que se acumulam e se transformam ao longo do tempo.

Borges, ao ambientar sua narrativa em um momento de profundas tensões históricas e ao explorar temas como identidade e conhecimento, projeta um conto que transcende sua época. “Funes, o memorioso” dialoga com questões universais, como o papel da memória na construção da subjetividade e na preservação da coletividade, mas também alerta para os perigos do excesso de registro e da impossibilidade de abstrair. Assim, a obra reafirma que a memória, para ser plenamente humana, deve incluir o esquecimento — não como uma falha, mas como uma necessidade vital para a organização do pensamento e a vivência significativa.

Por meio dessa análise, conclui-se que Borges não apenas reflete sobre a memória como um atributo humano, mas também a utiliza como uma lente para questionar os limites do conhecimento e os paradoxos da experiência. “Funes, o memorioso” se posiciona, portanto, como uma obra que, embora situada em um contexto específico, pelo qual é fortemente influenciada, continua a suscitar discussões relevantes, especialmente sobre os desafios de lembrar, esquecer, imaginar e viver, além de contribuir para a construção de conceitos essenciais, como o de memória.

## REFERÊNCIAS

- ASEFF, Marlova Gonsales. Borges e a poética do esquecimento. *Revista Conexão Letras*, [s. l.], v. 16, n. 26, p. 192-204, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.117262>.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Hildegard Feist. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. 7. ed. São Paulo: Globo, 1997.
- FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de Jorge Luis Borges. In: *Biografías y Vidas: la enciclopedia biográfica en línea*. Barcelona, Espanha, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/3WXqKqK>. Acesso em: 17 nov. 2024.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução de Vânia Dorneles Scher. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HEDLUND, André. Excesso de informação em pouco tempo pode prejudicar o aprendizado. *Educação em Pauta*, Porto Alegre, 14 nov. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/4c8V3T6>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- HESÍODO. *Teogonia*. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- IZQUIERDO, Iván. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre a história*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- LEONARDELLI, Patrícia. *A memória como recriação do vivido – um estudo da história do conceito de memória aplicado às artes performativas na perspectiva do depoimento pessoal*. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e Prática do Teatro) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas*. “De la utilidad y de los inconvenientes de los estudios históricos para la vida”. Madrid: Aguilar, 1967.
- NIETZSCHE, Friedrich. Considerações extemporâneas. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 53-81.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e ninguém. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2022.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://bit.ly/3WYq8Q3>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, 1998a. Disponível em: <https://bit.ly/4fHqJ9j>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo*: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998b.
- PINTO, Júlio Pimentel. *Sobre literatura e história*: como a ficção constrói a experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alan François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- SARLO, Beatriz. *Borges, un escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995.
- SCALIA, D.; FONTANA, N. M. Funes, o memorioso de Borges: lembrar é viver? *Revista Odisseia*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 1-19, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2023v8n2ID31465>.
- SCHWARTZ, Jorge (org.). *Borges babilônico*: uma enciclopédia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- VARGAS, José Maria Ruiz. ¿De qué hablamos cuando hablamos de ‘memoria histórica’? Reflexiones desde la Psicología cognitiva. *Entelequia*, Málaga, v. 7, p. 53-76, set. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3WYq9Yz>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- YATES, Frances A. *The art of memory*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1966.

---

## A tragédia da memória absoluta: uma análise conceitual de *Funes, O Memorioso*, de Jorge Luis Borges

**Resumo:** Este artigo analisa o conceito de memória no conto *Funes, O Memorioso*, de Jorge Luis Borges, por meio da história dos conceitos, conforme proposta por Reinhart Koselleck. O objetivo é explorar as dualidades apresentadas na obra — memória funcional *versus* memória absoluta, esquecimento como limitação *versus* necessidade — e conectá-las aos debates filosóficos e históricos sobre o tema. A metodologia combina a análise textual do conto com a mobilização de autores como Nietzsche, Paul Ricoeur e Koselleck, além do apoio da neurociência e da consideração do contexto pessoal, histórico e cultural da produção de Borges. Os resultados evidenciam que Borges constrói duas representações contrastantes da memória: Funes, cuja memória total o condena à fragmentação e à impossibilidade de abstração, e o narrador, cuja memória limitada reflete a funcionalidade humana de esquecer para organizar e interpretar o mundo. Essa contraposição dialoga com a crítica de Nietzsche à memória desvinculada da vida prática e com a visão de Ricoeur sobre o esquecimento como um mecanismo essencial para a saúde cognitiva e emocional. Conclui-se que Borges, ao transformar a memória em um conceito paradoxal, questiona os limites do conhecimento e destaca o papel fundamental do esquecimento na construção do significado.

**Palavras-chave:** Borges. Esquecimento. Funes. História dos Conceitos. Memória.

---

## The Tragedy of Absolute Memory: A Conceptual Analysis of Jorge Luis Borges' *Funes, the Memorious*

**Abstract:** This article analyses the concept of memory in the short story *Funes, the Memorious* by Jorge Luis Borges through the lens of conceptual history, as proposed by Reinhart Koselleck, to explore the dualities presented in the work—functional memory versus absolute memory, forgetfulness as limitation versus necessity—and connect them to philosophical and historical debates on the topic. The methodology combines a textual analysis with contributions of authors such as Nietzsche, Paul Ricoeur, and Koselleck, support from neuroscience and consideration of the personal, historical, and cultural context of Borges' production. Analysis shows that Borges constructs two contrasting representations of memory: Funes, whose total recall condemns him to fragmentation and the impossibility of abstraction, and the narrator, whose limited memory reflects the human ability to forget in order to organize and

interpret the world. This contrast engages with Nietzsche's critique of memory detached from practical life and Ricoeur's view of forgetfulness as an essential mechanism for cognitive and emotional well-being. Borges, by transforming memory into a paradoxical concept, questions the limits of human knowledge and highlights the fundamental role of forgetfulness in the construction of meaning.

**Keywords:** Borges. Forgetfulness. Funes. Conceptual History. Memory.

---

**Recebido em:** 04 de março de 2025

**Aprovado em:** 08 de agosto de 2025

---